

Pesquisa Ibope – Instituto Patrícia Galvão

O que a sociedade pensa sobre a violência contra as mulheres



Apoio: Fundação Ford

coordenação editorial

Marisa Sanematsu

análise da pesquisa

Fátima Pacheco Jordão

elaboração da pesquisa

Fátima Pacheco Jordão

Jacira Vieira de Melo

colaboração

Ana Flávia P. L. d'Oliveira

Fernando Acosta

Malvina Muszkat

Marcos Nascimento

Rubia Abs Cruz

Sandra Unbehaum

Simone Grilo Diniz

instituto contratado

Ibope Opinião

coordenação

Instituto Patrícia Galvão

capa, projeto gráfico & diagramação

Paulo Batista

apoio

Fundação Ford

dezembro de 2004

Instituto Patrícia Galvão – Comunicação e Mídia

Av. Brig. Luiz Antonio, 2050 – cj. 141B

01318-002 – São Paulo/SP

(11) 3266.5434 / 3285.4951

ipgalvao@uol.com.br

www.patriciagalvao.org.br

Colegiado Diretor

Ângela Freitas

Fátima Pacheco Jordão

Jacira Vieira de Melo

Diretora Executiva

Jacira Vieira de Melo

Jornalista/Editora

Marisa Sanematsu

Assistente

Walkiria Lobo

Sobre o Instituto Patrícia Galvão

O Instituto Patrícia Galvão – Comunicação e Mídia é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada em 2002.

Suas **áreas de trabalho** são a comunicação e a mídia, consideradas estratégicas nos projetos de transformação cultural, social e política.

Seu **ideal** é uma comunicação de massa cada vez mais democrática, plural, não-sexista e não-racista.

Seu **objetivo** é colaborar para a construção, na mídia, de uma imagem de mulher mais adequada à realidade e ao protagonismo das mulheres na sociedade brasileira.

O Instituto Patrícia Galvão entende que as tarefas desafiadoras colocadas no campo da comunicação política não podem ser enfrentadas isoladamente. O Instituto Patrícia Galvão orienta seus projetos e ações para fomentar, incentivar, impulsionar e influir na formação de alianças estratégicas para a realização de ações de impacto.

O **Instituto Patrícia Galvão** responde pela coordenação geral da *Campanha Onde tem violência, todo mundo perde*. Para mais informações sobre a Campanha, acesse www.patriciagalvao.org.br ou www.violenciamulher.org.br.

Quem foi Patrícia Galvão?

Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), conhecida como Pagu, foi jornalista, escritora e ativista política.

Atuou nos movimentos modernista e antropofágico.

Em 1931 lançou, juntamente com o escritor Oswald de Andrade, um tablóide político no qual assinava a coluna feminista "A Mulher do Povo". No mesmo ano, Patrícia Galvão foi presa por participar de uma manifestação, tornando-se uma das primeiras brasileiras a serem presas por motivo político no século 20.

Estudou na França (Sorbonne), onde foi presa por suas atividades políticas. Repatriada, é presa novamente. Sofre torturas e fica detida até 1940.

Patrícia Galvão sempre acreditou e lutou para que as mulheres tivessem um papel mais ativo na sociedade e na política.

ATITUDES FRENTE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Violência contra a mulher é o problema que mais preocupa homens e mulheres

Trata-se de uma pesquisa inédita sobre violência contra a mulher, encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão ao Ibope Opinião, com apoio da Fundação Ford.

Realizada em setembro de 2004, a pesquisa trabalhou com uma mostra representativa da população adulta brasileira e buscou revelar o que pensa a sociedade sobre o problema da violência contra as mulheres.

No Brasil, pesquisa da Fundação Perseu Abramo estima que mais de 2 milhões de mulheres são espancadas a cada ano por maridos ou namorados, atuais e antigos. Os números sobre a incidência da violência contra a mulher no país contrastam com os dados colhidos na pesquisa Ibope – Instituto Patrícia Galvão, que revelam um alto grau de rejeição à violência contra as mulheres: 82% dos entrevistados respondem que “não existe nenhuma situação que justifique a agressão do homem a sua mulher”. Além disso, 91% consideram muito grave o fato de mulheres serem agredidas por companheiros e maridos. Ao mesmo tempo, o velho ditado que afirma que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” ainda tem boa aceitação (66%).

Observa-se portanto que, se por um lado há uma atitude contrária à violência, por outro não há um comportamento equivalente. O conjunto de dados disponíveis aponta para a necessidade de maior visibilidade e debate sobre a violência doméstica.

Esta publicação tem o objetivo de divulgar de forma mais ampla a percepção da sociedade sobre a violência contra a mulher, estimulando assim um debate e uma reflexão mais aprofundados sobre o assunto.

O Instituto Patrícia Galvão acredita que, por meio do conhecimento da realidade e da ampliação do debate, será possível reverter o quadro atual em que, a cada 15 segundos, uma brasileira é agredida por um homem.

Principais resultados da Pesquisa Ibope – Instituto Patrícia Galvão

A partir de uma lista de problemas, homens e mulheres reconhecem que a violência contra a mulher, tanto dentro como fora de casa, é o problema que mais preocupa a brasileira na atualidade.

- **30% apontam a violência contra a mulher dentro e fora de casa em primeiro lugar**, na frente de uma série de outros problemas, como câncer de mama e de útero (17%) e a Aids (10%). Os indicadores de preocupação com a questão da violência não mostram diferenças entre os sexos, tampouco na maioria das variáveis estudadas. Isto é, **trata-se de um problema amplamente difundido no conjunto da sociedade**.
- **91% dos brasileiros consideram muito grave o fato de mulheres serem agredidas por companheiros e maridos**. As mulheres são mais enfáticas (94%), mas, ainda assim, a grande maioria dos homens (88%) concorda com a alta gravidade do problema.
- A percepção da gravidade da violência contra a mulher se confirma quando **90% dos brasileiros acham que o agressor deveria sofrer um processo e ser encaminhado para uma reeducação**. O contraste entre a quase unanimidade destas opiniões e a realidade concreta na vida das mulheres é gritante. São poucos os casos que chegam a processo e escassas as instituições que lidam com reeducação do agressor.
- **A idéia de que a mulher deve agüentar agressões em nome da estabilidade familiar é claramente rejeitada** pelos entrevistados (86%), assim como o chavão em relação ao agressor, “ele bate, mas ruim com ele, pior sem ele”, que é rejeitado por 80% dos entrevistados.
- **Com relação ao chavão conformista “ele bate, mas ruim com ele, pior sem ele”**, há diferenças significativas e culturalmente relevantes: as mulheres (83%) tendem a rejeitar mais do que os homens (76%); os mais jovens (83%), mais do que os mais velhos (68%).
- Em uma pergunta que pede um posicionamento mais próximo daquilo que o entrevistado pensa, **82% respondem que “não existe nenhuma situação que justifique a agressão do homem a sua mulher”**. Em contrapartida, 16% (a maioria homens) conseguem imaginar situações em que há essa possibilidade. Observa-se que 19% dos homens admitem a agressão, assim como 13% das mulheres.
- Homens e mulheres fazem o mesmo diagnóstico: 81% dos entrevistados apontam **o uso de bebidas alcoólicas** como o fator que mais provoca violência contra a mulher; em segundo lugar, mencionadas por 63% dos entrevistados, vêm **as situações de ciúmes** em relação à companheira ou mulher.
- Menos importantes, mas citadas por três em cada dez entrevistados, vêm as questões econômicas: **desemprego (37%) e problemas com dinheiro (31%)**. 13% citam a eventualidade de falta de comida em casa e 14%, dificuldade no trabalho.
- É opinião geral, em todos os segmentos da amostra, que os que mais perdem nas situações de violência doméstica são os filhos do casal: assim pensam 63% dos entrevistados. 14% das mulheres dizem que elas perdem mais e 16% dos

homens se reconhecem como os maiores perdedores. **O que estes números sugerem é que todos perdem quando há violência na casa.** Trata-se de um flagelo e uma epidemia que atinge a todos.

Veja a seguir mais detalhes sobre a Pesquisa Ibope – Instituto Patrícia Galvão sobre violência contra as mulheres.

Metodologia da pesquisa

Qualitativa, a pesquisa tem como base 2.002 entrevistas pessoais, realizadas de 9 a 14 de setembro de 2004, com homens e mulheres de 16 anos ou mais, com diferentes níveis de escolaridade e renda. As entrevistas foram realizadas em 140 municípios, incluindo todos os estados brasileiros, nas capitais, em regiões metropolitanas e cidades menores selecionadas probabilisticamente. A margem de erro máxima da pesquisa é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos. O intervalo de confiança estimado é de 95%.

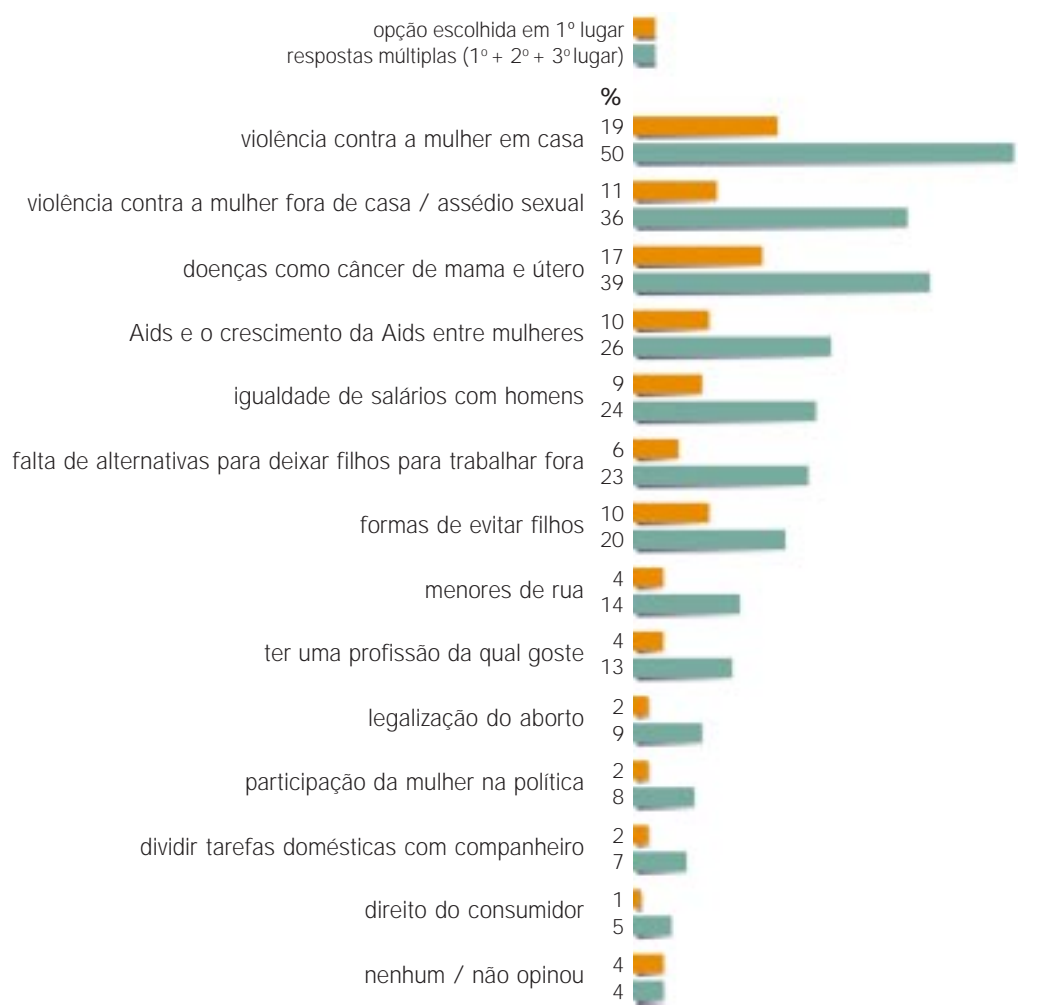
<i>Amostra total</i>	(2.002)
	%
Total	100
Sexo	
Mulheres	52
Homens	48
Idade	
16 a 24 anos	23
25 a 34	25
35 a 49	29
50 e mais	22
Escolaridade	
até a 4ª série	38
5ª a 8ª série	24
ensino médio	27
superior	10
Regiões	
Norte/Centro-Oeste	13
Nordeste	27
Sudeste	45
Sul	15

	%
Tipo de município	
capital	24
periferia	14
interior	62
Tamanho do município	
até 20 mil eleitores	19
20 a 100 mil	30
mais de 100 mil	51
Renda familiar	
mais de 10 salários mínimos	6
de 5 a 10 sm	12
de 2 a 5 sm	32
de 1 a 2 sm	28
até 1 sm	18
Critério econômico Brasil	
classe A/B	17
classe C	33
classe D/E	50

Violência doméstica é preocupação mais citada

A partir de uma lista de problemas, observa-se que a violência contra a mulher é uma questão central na percepção dos entrevistados. Quando se agrupam os três problemas mais importantes, **o destaque para a violência doméstica se amplia para 50% dos respondentes** e a violência fora de casa e o assédio sexual passam a ser citados por 36%, no mesmo patamar que doenças como câncer de mama e de útero (39%).

Pergunta: Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (1º + 2º + 3º lugar)



Preocupação com a violência doméstica é mais significativa nas regiões Norte e Centro-Oeste

Os indicadores de preocupação com a questão da violência não mostram diferenças entre os sexos, tampouco na maioria das variáveis estudadas. Isto é, **trata-se de um problema amplamente difundido no conjunto da sociedade**. Mas algumas diferenças são importantes: a preocupação com a violência doméstica é mais significativa nas regiões Norte e Centro-Oeste, onde chega a 62% das respostas (1º + 2º + 3º lugar). À parte questões culturais, pode-se levantar, entre outras, a hipótese da provável ausência de equipamentos preventivos (delegacias da mulher, por exemplo).

O assédio sexual e a violência na rua são questões que preocupam as mulheres mais jovens – que mais estão, no seu cotidiano, fora de casa – e as mulheres de maior renda e com escolaridade média.

Percepção sobre a violência contra a mulher: perfil dos entrevistados

Consideram o problema que mais preocupa; citam 3 da lista de problemas.

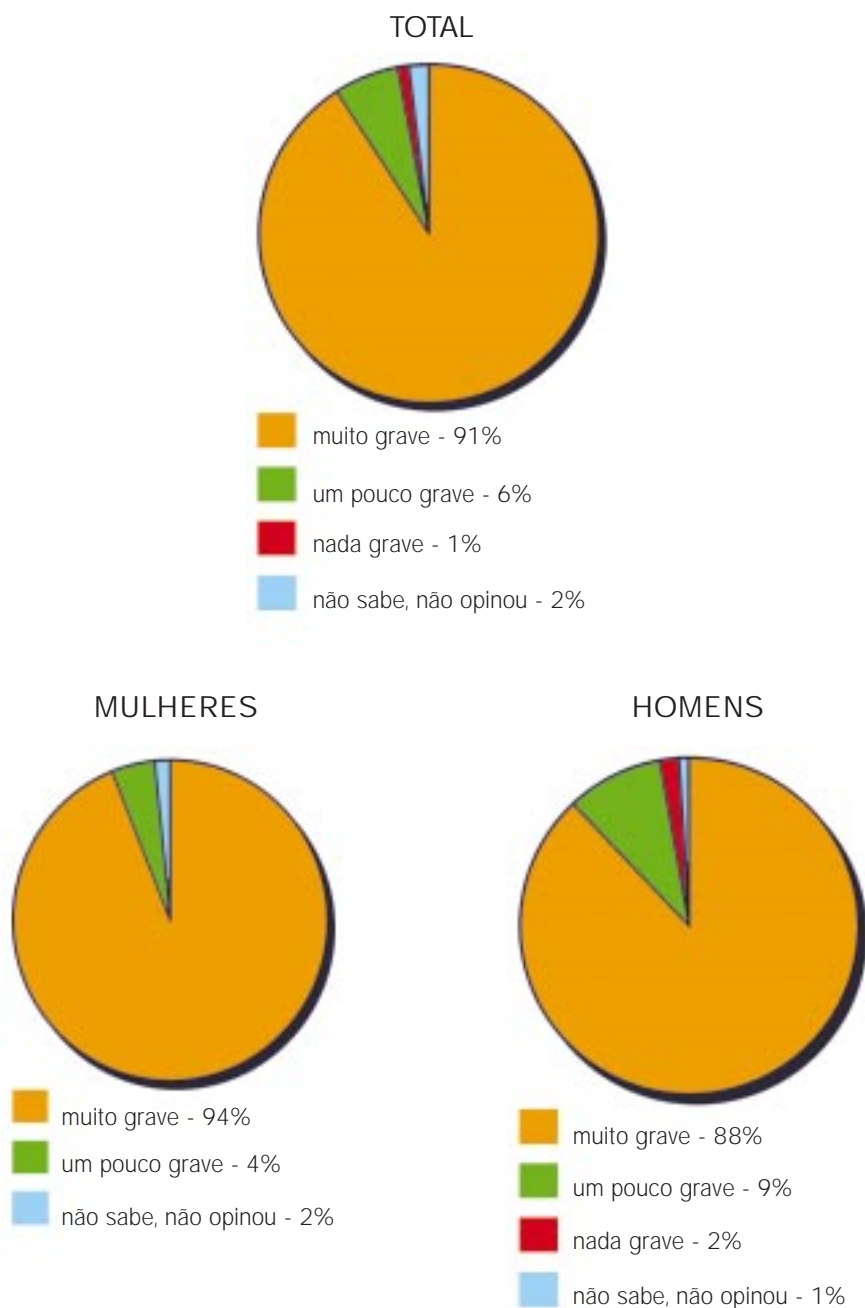
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	DENTRO DE CASA	NA RUA/ ASSÉDIO SEXUAL
<i>Amostra nos segmentos</i>		
	%	%
Total	50	36
Sexo		
Homens	51	37
Mulheres	49	36
Idade		
16 a 24 anos	51	43
25 a 34	55	37
35 a 49	46	34
50 e mais	49	31
Escolaridade		
até 4ª série	49	31
5ª a 8ª série	53	38
ensino médio	50	42
superior	47	40

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	DENTRO DE CASA	NA RUA/ ASSÉDIO SEXUAL
<i>Amostra nos segmentos</i>		
	%	%
Regiões		
Norte/Centro-Oeste	62	35
Nordeste	53	34
Sudeste	47	39
Sul	45	34
Tipo de município		
capital	55	40
periferia	43	34
interior	50	35
Tamanho do município		
até 20 mil eleitores	48	33
20 a 100 mil	49	32
mais de 100 mil	51	40
Renda familiar		
mais de 10 salários mínimos	43	46
de 5 a 10 sm	47	42
de 2 a 5 sm	52	38
de 1 a 2 sm	50	35
até 1 sm	52	30
Classificação social		
classe A/B	46	42
classe C	47	40
classe D/E	53	33

Agressão à mulher é considerada um problema muito grave

Do total de entrevistados, **91% consideram muito grave o fato de mulheres serem agredidas por companheiros e maridos**. Entre as mulheres esse percentual chega a 94% e, entre os homens, 88%.

Pergunta: Muitas mulheres são agredidas pelos companheiros e maridos dentro de casa. O/a sr./a. considera este problema sofrido pelas mulheres...



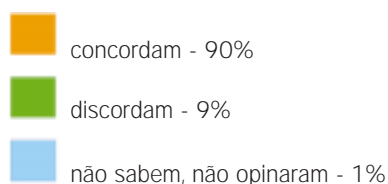
A percepção da gravidade da violência contra a mulher se confirma quando se constata que 90% dos entrevistados consideram que o agressor deveria ser processado e encaminhado para uma reeducação. É interessante observar o contraste entre a quase unanimidade destas opiniões e a escassez de casos que são transformados em processo judicial; e ainda mais escassas são as instituições que trabalham com reeducação de agressores.

84% concordam que o agressor deveria ser penalizado, inclusive com cadeia. Na mesma direção, 77% não concordam com que os atos de violência contra as mulheres não sejam considerados criminosos. Não há variações significativas ao longo dos diferentes segmentos da amostra.

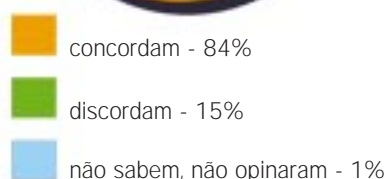
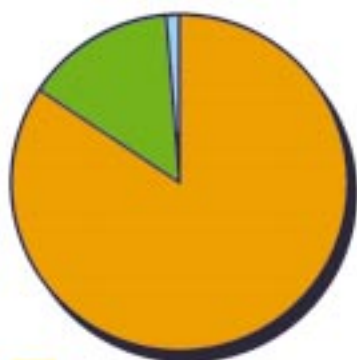
Rejeição à violência contra as mulheres

Pergunta: Destas frases comumente ditas pelo povo sobre agressão contra as mulheres, gostaria de saber se o/a sr./a. concorda ou discorda de cada uma delas:

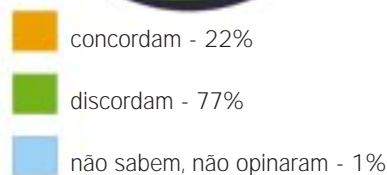
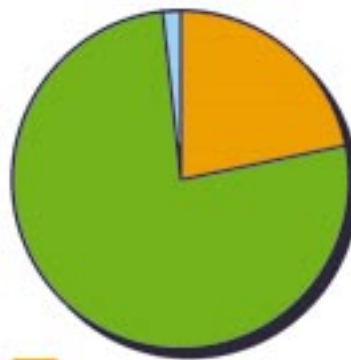
Bater ou agredir a esposa, parceira ou namorada deveria dar processo e encaminhamento do homem para reeducação



Bater ou agredir a esposa, parceira ou namorada deveria dar cadeia

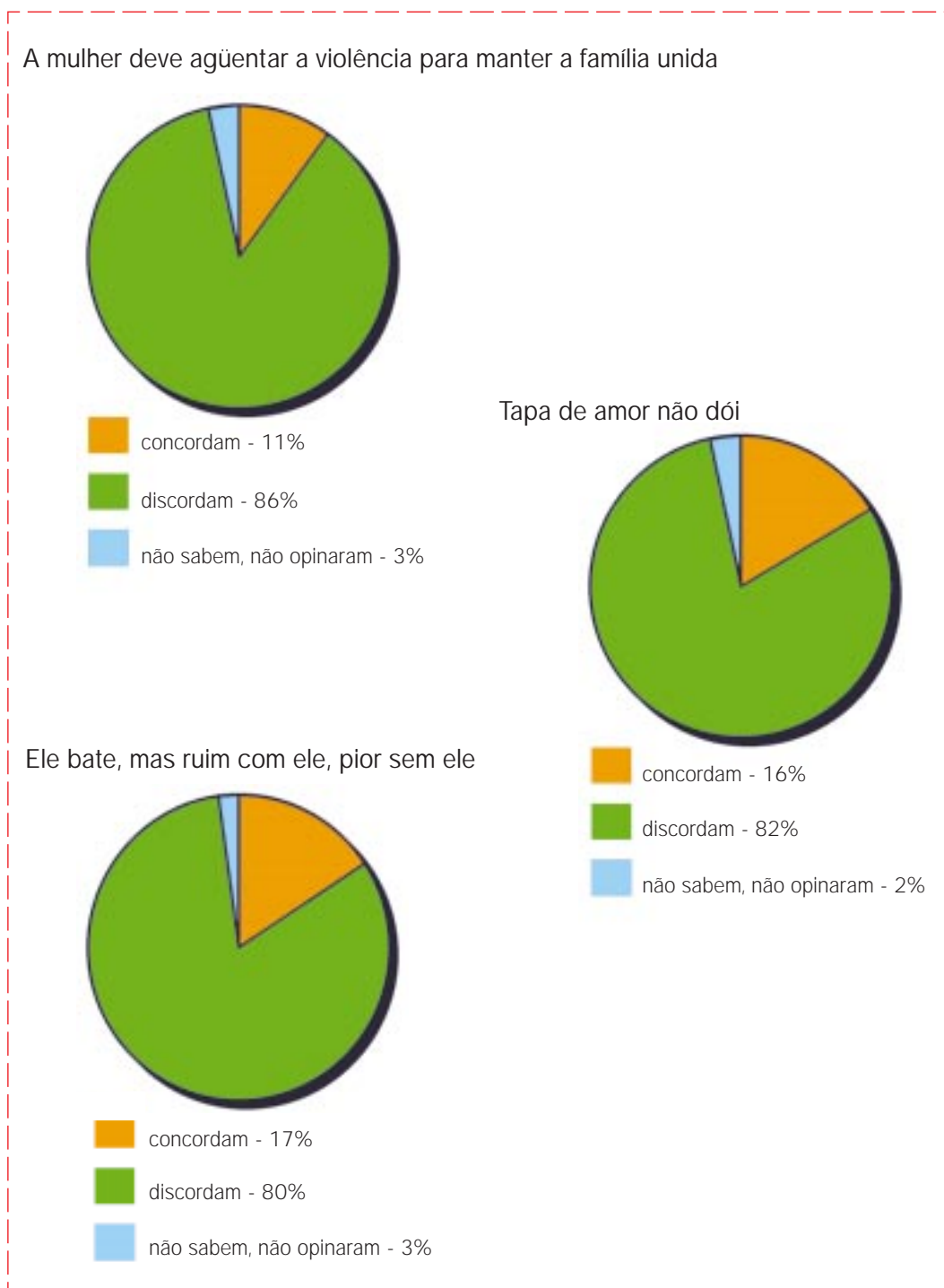


Bater ou agredir esposa, parceira ou namorada pode ser errado, mas não é crime

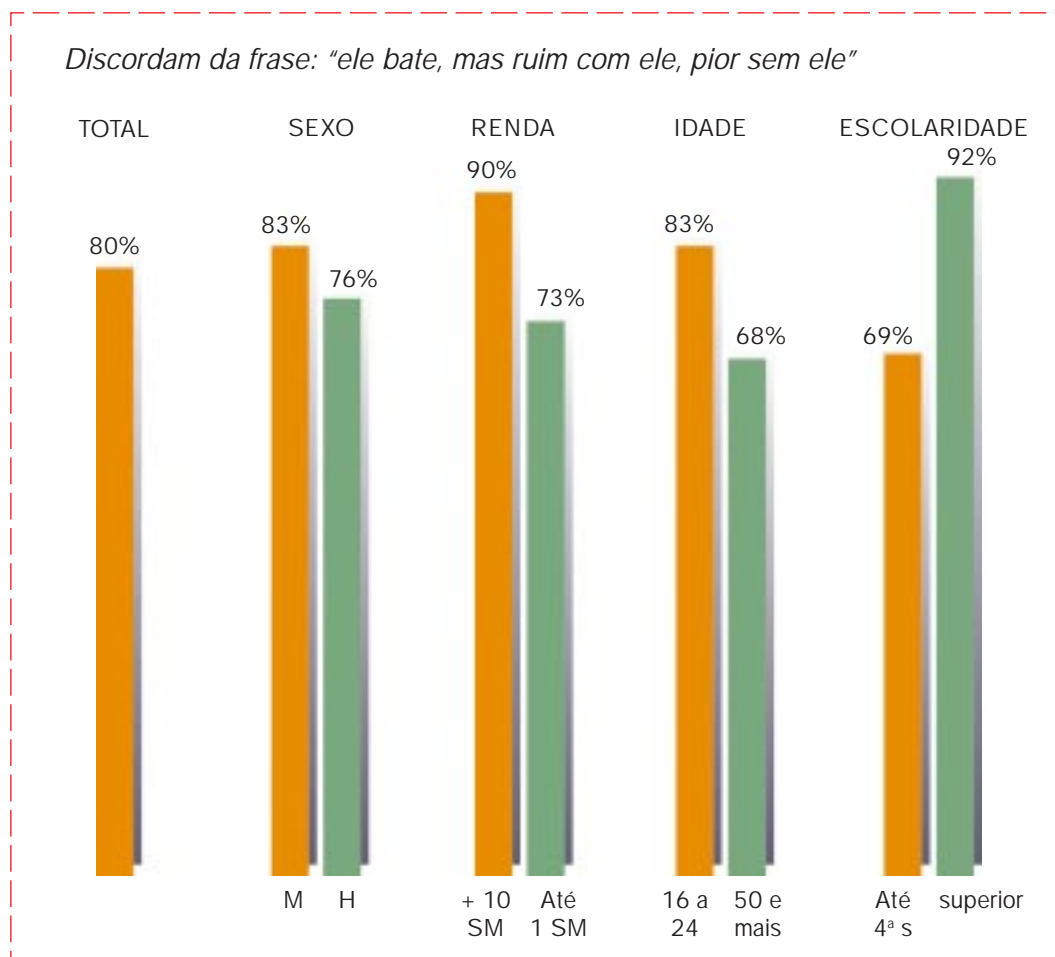


A idéia de que a mulher deve agüentar agressões em nome da estabilidade familiar é claramente rejeitada por 86% dos entrevistados, assim como o chavão em relação ao agressor – “ele bate, mas ruim com ele, pior sem ele”, que é rejeitado por 80% dos entrevistados.

Cantado em música, sucesso nas paradas de discos mais vendidos, o verso “Tapa de amor não dói” não pegou entre os entrevistados: 82% deles discordam da idéia. Esta taxa não varia significativamente na maioria dos segmentos, mas, como era de se esperar, as mulheres (87%) rejeitam mais do que os homens (75%).

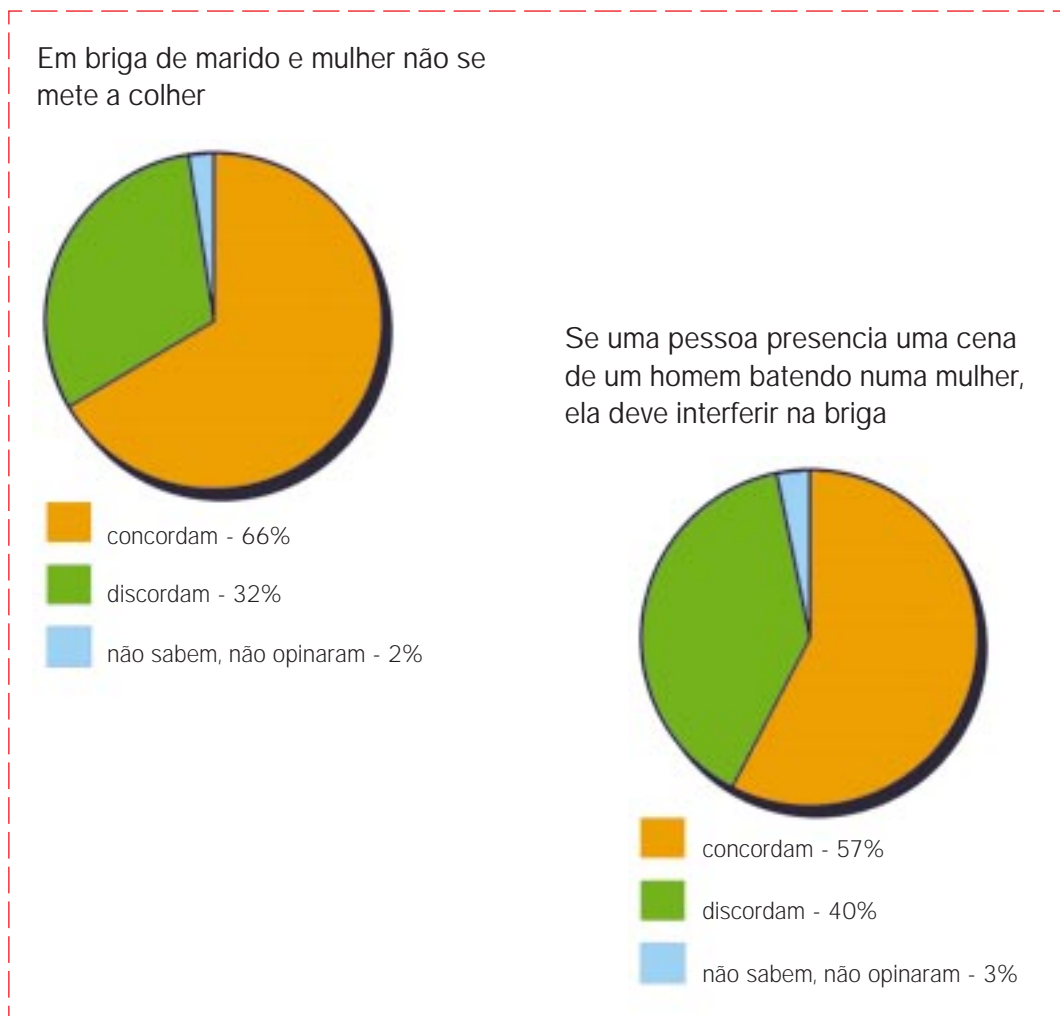


Com relação ao chavão conformista “ele bate, mas ruim com ele, pior sem ele”, há diferenças significativas e culturalmente relevantes: as mulheres (83%) tendem a rejeitar mais do que os homens (76%); e os mais jovens (83%), mais do que os mais velhos (68%). Revelando uma vulnerabilidade social, a rejeição é menor entre os entrevistados menos escolarizados (69%) e os de menor renda (73%) do que entre os de camadas mais privilegiadas de renda (90%) e escolaridade (92%).



O velho ditado que diz que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” ainda tem boa aceitação na média geral (66%), mas há importantes diferenças, sobretudo em relação à escolaridade do entrevistado. Quanto mais escolarizado, menos o ditado é aceito: 47% entre os que têm curso superior e 72% entre os que têm apenas o ensino básico (até 4ª série).

Mas a indiferença frente à agressão fica mais no imaginário do ditado, pois traduzindo de outra forma 57% dos entrevistados concordam com a interferência de uma pessoa que presencie uma cena de um homem batendo numa mulher.



Mesmo a frase que contém a maior provocação – “mulher que trai até que merece apanhar” –, que reflete o espírito de leis antiquadas e tem a conivência da ficção de massa nas telenovelas, é rejeitada por 59% dos entrevistados. Mas as diferenças sociais são eloqüentes, o grau de escolaridade e o de renda afetam esta atitude mais do que qualquer outra variável.

Em %	CONCORDAM	DISCORDAM
Mulher que trai o homem até que merece apanhar	38	59
<i>Entrevistados com escolaridade...</i>		
Até 4ª série do fundamental	46	50
De 5ª a 8ª série do fundamental	42	55
Ensino médio	31	68
Superior	17	80
<i>Renda familiar</i>		
Até 1 salário mínimo	48	50
De 1 a 2 sm	44	53
De 2 a 5 sm	34	62
De 5 a 10 sm	29	70
Mais de 10 sm	20	78

Nem com uma flor...

De outro lado, em todos os segmentos, quase ninguém consegue discordar do “clichê” que diz “em uma mulher não se bate nem com uma flor”. Assim dito 88% dos respondentes concordam e 10% discordam. O que é – de certa forma – surpreendente. Não há variações, a não ser regionais e de sexo. Entre os sulistas 78% concordam e 20% discordam. Entre os homens 14% discordam e entre as mulheres ainda são 8%.

Em %	CONCORDAM	DISCORDAM
Em mulher não se bate nem com uma flor	88	10
<i>Entrevistados das regiões...</i>		
Norte / Centro-Oeste	94	5
Nordeste	92	6
Sudeste	87	12
Sul	78	20
<i>Sexo</i>		
Mulheres	90	8
Homens	85	14

Os limites da tolerância

Existem permissivos para a agressão contra a mulher? As respostas anteriores mostram um núcleo minoritário de entrevistados, sobretudo homens, que respondem afirmativamente.

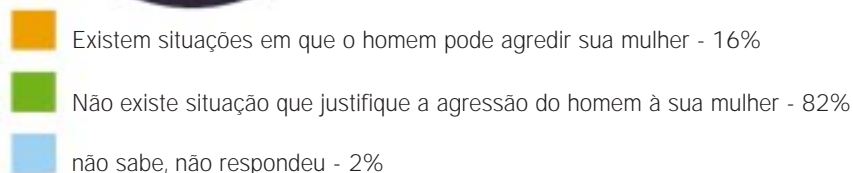
Em uma pergunta que pede um posicionamento mais próximo daquilo que o entrevistado pensa, 82% respondem que “não existe nenhuma situação que justifique a agressão do homem a sua mulher”. Em contrapartida, 16% conseguem imaginar situações, provavelmente vividas por eles (maioria homens), em que há essa possibilidade. Podemos dizer que 19% dos homens admitem a agressão, assim como 13% das mulheres.

São menos tolerantes à agressão os entrevistados de maior renda (89%) e escolaridade mais alta (93%). No Nordeste 74% não tolerariam agressão em nenhuma circunstância, ou seja, nesta região um em cada quatro respondentes admite situações em que um homem possa agredir a mulher.

Neste caso o tamanho das cidades onde vivem os entrevistados chega a influir sensivelmente; dos moradores de cidades grandes (mais de 100 mil habitantes) apenas 12% justificam a agressão; nas cidades médias e pequenas já são 20%. A ausência de equipamentos como delegacias da mulher pode explicar esta diferença.

Pergunta: Qual destas duas posições mais se aproxima daquilo que você pensa?

TOTAL



Em %	TOTAL	Até 20 mil hab	20 mil a 100 mil	+ de 100 mil
<i>Amostra</i>	<i>(2.002)</i>	<i>(378)</i>	<i>(595)</i>	<i>(1.029)</i>
Existem situações em que o homem pode agredir sua mulher	16	21	20	12
Não existe situação que justifique a agressão do homem à sua mulher	82	78	78	85
Não sabe/ não respondeu	2	1	2	3

Situações que provocam a violência

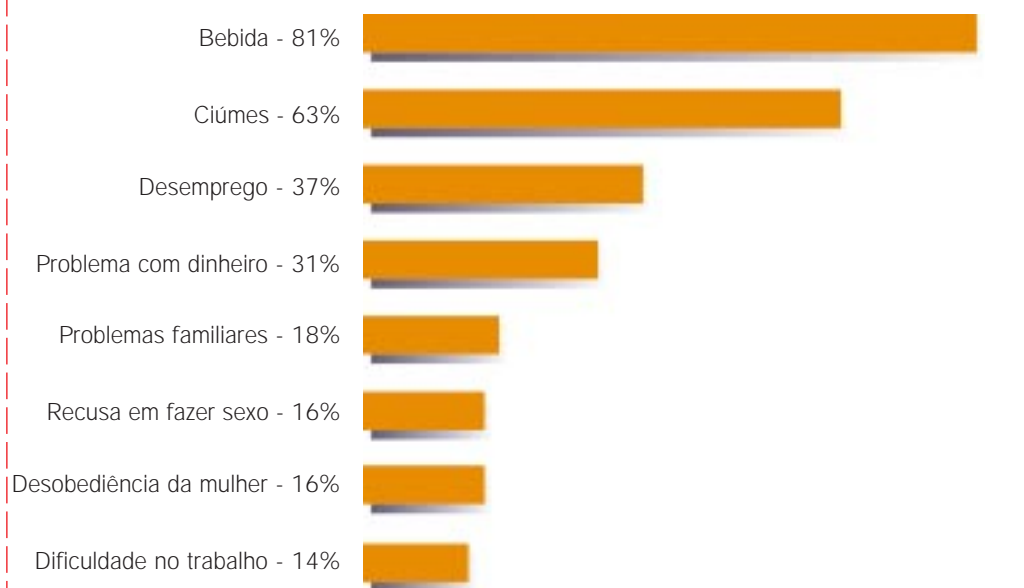
Homens e mulheres fazem o mesmo diagnóstico: 81% das entrevistados apontam **o uso de bebidas alcoólicas** como o fator que mais provoca violência contra a mulher; em segundo lugar, mencionadas por 63% de entrevistados, vêm as situações de ciúmes em relação à companheira ou mulher.

Menos importantes, mas citadas por três em cada dez entrevistados, vêm as questões econômicas: **desemprego (37%)** e **problemas com dinheiro (31%)**. 13% citam a eventualidade de falta de comida em casa e 14%, dificuldade no trabalho.

Outras razões menos citadas são: problemas familiares (18%); recusa da mulher em fazer sexo (16%); desobediência da mulher (16%) e gravidez (4%).

41% dos entrevistados das classes mais abastadas (A/B) apontam a situação de problemas com dinheiro, uma taxa muito acima dos entrevistados mais pobres. Dos entrevistados das classes D/E, apenas 25% indicam essa causa. Assim como a desobediência da mulher é mais citada entre estes (19%) do que entre os mais ricos (8%).

Pergunta: Na sua opinião, quais destas situações mais provocam a agressão dos homens contra as mulheres?



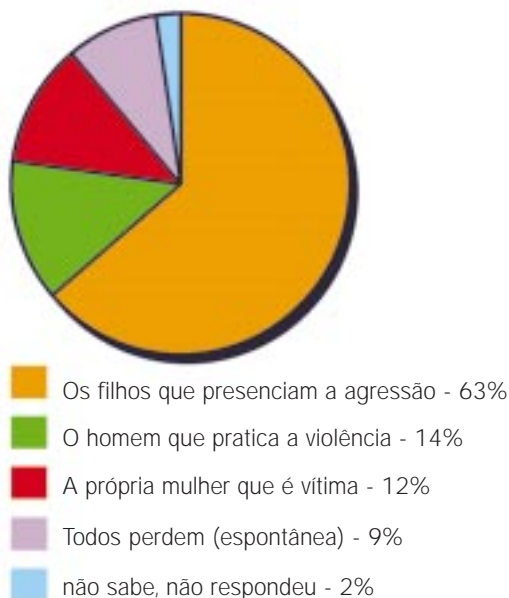
Em % *	SEXO			CLASSE		
	TOTAL	Homens	Mulheres	AB	C	DE
<i>Amostra</i>	<i>(2.002)</i>	<i>(959)</i>	<i>(1.043)</i>	<i>(333)</i>	<i>(662)</i>	<i>(1.007)</i>
BEBIDA	81	78	84	84	80	80
CIÚMES	63	61	64	59	62	64
DESEMPREGO	37	34	40	41	39	34
PROBLEMA COM DINHEIRO	31	29	32	41	34	25
Problemas familiares	18	15	21	20	21	15
Recusa da mulher em fazer sexo	16	12	19	19	13	16
Desobediência da mulher	16	18	15	8	15	19
Dificuldade no trabalho	14	13	14	15	14	13
Falta de comida em casa	13	13	14	12	12	14
Gravidez	4	3	5	3	3	5
Nenhuma dessas	3	4	3	5	4	2
Não sabe/ não respondeu	1	1	1	1	1	2

* Respostas múltiplas

Os filhos são os que mais perdem com a violência doméstica

É opinião geral, em todos os segmentos da amostra, que os que mais perdem nas situações de violência doméstica são os filhos do casal: assim pensam 63% dos entrevistados. 14% das mulheres dizem que elas perdem mais, enquanto 16% dos homens se reconhecem como perdedores. O que estes números sugerem é que todos perdem quando há violência na casa. Trata-se de um flagelo e uma epidemia que atinge a todos.

Pergunta: Na sua opinião, em casa onde tem violência contra a mulher, quem perde mais?



Em %	SEXO			CLASSE		
	TOTAL	Homens	Mulheres	AB	C	DE
<i>Amostra</i>	<i>(2.002)</i>	<i>(959)</i>	<i>(1.043)</i>	<i>(333)</i>	<i>(662)</i>	<i>(1.007)</i>
Os filhos que presenciam a agressão	63	61	64	65	68	59
O homem que pratica a violência	14	16	12	10	9	19
A própria mulher que é vítima	12	10	14	12	12	13
Todos perdem (espontânea)	9	11	8	13	10	7
Não sabe/ não respondeu	1	1	1	0	1	2